

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (COMUNICAÇÃO COORDENADA)

NOME: ALEXANDRE RODRIGUES DA COSTA

TÍTULO: CORPOS LABIRÍNTICOS: O INFORME NA OBRA DE HANS BELLMER

AUTORES: ALEXANDRE RODRIGUES DA COSTA, ALEXANDRE RODRIGUES DA COSTA

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): FAPEMIG

PALAVRA CHAVE: INFORME, FRAGMENTO, NONSENSE, DECOMPOSIÇÃO, LABIRINTO, ANAGRAMA

RESUMO

Em nossa pesquisa, analisamos de que maneira o verbete informe, que o pensador francês Georges Bataille define em seu dicionário crítico e explora ao longo de seus textos, pode ser aplicado à obra do artista alemão Hans Bellmer. Para isso, nos detemos, a princípio, nas fotos que ele começou a fazer, a partir década de 30, sobre sua boneca, e estendemos às outras obras suas, como desenhos, pinturas, esculturas e textos, nas quais a figura humana surge desarticulada, labiríntica, de maneira a quebrar com a noção do corpo íntegro. Nas imagens que compõem o livro *Die Puppe* (A boneca), que Hans Bellmer publicou em 1934, observamos fotografias não verdadeiramente de uma mulher, mas uma boneca cujos traços lembram os do corpo feminino. Aqui, a semelhança, ao mesmo tempo em que é evocada, é destruída por uma espécie de operação de desmantelamento da representação. A relação que estabelecemos entre a obra de Bellmer e a de Bataille parte, portanto, desse compromisso com aquilo que foge aos parâmetros erguidos pelo pensamento racional, para se impor, a partir da heterogenia e do nonsense, com um olhar que se detém sobre a obra de arte e o mundo como espaços cujas fronteiras são sempre flutuantes, jamais dadas como certas. A forma como Bellmer lida com a representação do corpo feminino nos levou a comparar a sua obra com a produção textual e visual de sua companheira Unica Zürn. Os anagramas, que Bellmer compôs para o seu livro *Uma breve anatomia do inconsciente físico ou anatomia da imagem*, de 1957, nos permitiram estabelecer pontos de contato entre a sua obra e a de Unica Zürn, pois, para o artista alemão, como o anagrama, o corpo diante do espelho se decompõe, se desdobra, até que a identidade que ele carrega seja destruída, em uma dispersão sem volta, similar ao que ocorre nas fotografias que Bellmer fará de sua segunda boneca, construída em 1935. Ao tomar contato com os anagramas de Bellmer, Unica Zürn não só dá prosseguimento a esse tipo de escrita, mas, de certa forma, os desdobra em seus desenhos, ao buscar, simultaneamente a unidade e a pluralidade, em seres cujas formas rompem com uma representação naturalista do corpo. Dessa maneira, tanto em Bellmer quanto em Unica, as imagens apontam para um sentido de desorientação amparado na impossibilidade de buscarmos harmonia para as estruturas orgânicas que se expressam por meio do dilaceramento e da reunião dos fragmentos daí resultantes. Nesse sentido, as identidades se tornam oscilantes, monstruosas, pois o que resta dos corpos repete gestos informes, ao serem levados a um estado crítico, a partir do qual a conjunção e a divergência estabelecem a descontinuidade como um processo de desestruturação da anatomia. Para entender esse dilaceramento da identidade, amparamo-nos na leitura que Denis Holier realiza sobre a presença do labirinto na obra de Georges Bataille, e o interpretamos como uma existência operacional do informe, pois sua estrutura anti-hierárquica opõe-se a concepção geométrica idealizada, para a qual a saída representaria a realização do projeto, da utopia. A partir dessa noção de labirinto como desorientação, o relacionamos ao conceito de anagrama concebido por Bellmer e aos estudos de Jean Baudrillard, Jean Starobinski, Ferdinand de Saussure e H. B. Wheatly sobre esse gênero textual, uma vez que desarticular o corpo como se escrevesse um anagrama é torná-lo labiríntico, no instante em que as imagens verbais ou visuais, ao serem fragmentadas, tornam-se, obliteradas, rasuradas, impedindo o caminho, o fluir como forma de escapar do emaranhado de sentidos, das múltiplas saídas e entradas que se desdobram dos vazios e das vísceras do corpo e do poema. Ao optarmos pelo método comparativo como forma de estabelecer diálogos entre a obra de Hans Bellmer e a Unica Zürn, nos amparamos nos sentidos que surgem do corpo fragmentado em suas obras, uma vez que ambos não se amparam mais na lógica do discurso, do conhecimento, mas na falta de razão, na angústia de não se conseguir criar um eixo hierárquico entre o atual e o anterior, o eu e o outro. Tanto o corpo quanto o poema se apresentam, para Bellmer e Zürn, como fraturas expostas, no momento em que têm suas estruturas dilaceradas, colocadas em descontinuidade com relação às suas origens e à sua história. Assim, longe de uma síntese, o informe abraça simultaneamente condições contrárias, sem que haja uma conclusão, um fim. A transgressão, na obra de Hans Bellmer, nos leva a refletir sobre os limites da condição humana, no instante em que o corpo é evocado em sua precariedade, como algo desarticulado, múltiplo, labiríntico, na medida em que seus membros se espelham, anarquicamente, uns nos outros.